



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

JOÃO GERALDO DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DA RETÓRICA DO MARTÍRIO NAS CARTAS  
DE INÁCIO DE ANTIOQUIA

---

Londrina  
2012

JOÃO GERALDO DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DA RETÓRICA DO MARTÍRIO NAS CARTAS  
DE INÁCIO DE ANTIOQUIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História  
da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Selvatici

Londrina  
2012

JOÃO GERALDO DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DA RETÓRICA DO MARTÍRIO NAS CARTAS  
DE INÁCIO DE ANTIOQUIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da  
Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Selvatici  
Prof<sup>a</sup>. Orientadora  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Julio Cesar Margalhães de Oliveira  
Prof. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
Prof. Componente da Banca  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Dra. Monica Selvatici, não só pela constante orientação neste trabalho, sobretudo pela sua amizade e o ambiente positivo que contribuiu para evolução da minha monografia e também com o meu crescimento profissional.

Ao professor Dr. Gabriel Giannattasio e também à professora e Mestre Maria Ilza Zironi agradeço a valiosa ajuda teórica.

Aos colegas que sempre terei na lembrança, deixo um sentimento misto de alegria e saudade pelos momentos bons que compartilhamos e também as discussões, apesar de algumas vezes duras. Tiveram um papel importante para meu desenvolvimento intelectual e profissional.

Gostaria de agradecer, por fim, a Deus e também a toda minha família que sempre me apoiou e principalmente aos meus pais que agora tem o orgulho de dizer que tem mais um filho formado.

SANTOS, João Geraldo. Uma análise da retórica do martírio nas cartas de Inácio de Antioquia. 2012 . Número total de 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

## RESUMO

O objetivo é analisar as cartas de Inácio de Antioquia a partir de dois princípios, o primeiro é a influência dos preceitos de Inácio de Antioquia e suas implicações com o politeísmo romano, ou seja, entender a retórica do Bispo às comunidades cristãs e verificar se há um atrito ou não entre o que ele escreveu e o paganismo romano. O segundo objetivo é a retórica do martírio como elemento de propaganda nas cartas de Inácio de Antioquia, ou seja, qual a validade do Bispo em se autodefinir um mártir para as comunidades cristãs e como isso pode representar um dos meios de propaganda para o cristianismo defendido por Inácio. A base de nosso trabalho está na Nova História Cultural e no conceito de representação definido por Roger Chartier, tendo com base a ideia de Michel Foucault acerca da ordem do discurso. Quanto ao tratamento historiográfico das cartas de Inácio de Antioquia e também da bibliografia selecionada, utilizaremos o historiador e também jesuíta Michel de Certeau, por sua análise da prática e do discurso historiográfico.

Palavras-chave: Cristianismo primitivo. Inácio. Mártir. Cartas.

SANTOS, João Geraldo. An analysis of the martyrdom rhetoric in Ignatius of Antioch's letters.. 2012. Total of 57 sheets. Completion of course work in História - State University of Londrina, Londrina, 2012.

## ABSTRACT

The objective is to analyze the letters of Ignatius of Antioch from two principles, the first is the influence of the precepts of Ignatius of Antioch and its implications with Roman polytheism, ie intender rhetoric of Bishop Christian communities and check whether there was a friction or not between what he wrote and Roman paganism. The second objective is the rhetoric of martyrdom as an element of propaganda in the letters of Ignatius of Antioch that is, the Bishop's self-definition as a martyr for the Christian communities and how this may represent a means of propaganda for Christianity advocated by Ignatius. Our work is based on New Cultural History and the concept of representation set by Roger Chartier, pending on the basis of the idea of Michel Foucault about the order of discourse. Regarding historiographic treatment of the letters of Ignatius of Antioch and also bibliography, we will use the Jesuit historian Michel de Certeau in his analysis of practice and discourse.

Keywords: Primitive Christianity. Ignatius. Martyr. Letters.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO PRIMEIRO: A INFLUÊNCIA DOS PRECEITOS DE INÁCIO DE ANTIOQUIA E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES COM O POLITEÍSMO ROMANO.	
1.1. <i>Paganismo</i> .....	18
1.2. <i>Preceitos inacianos</i> .....	20
1.3. <i>As singularidades das cartas</i> .....	29
CAPÍTULO SEGUNDO: A RETÓRICA DO MARTÍRIO COMO ELEMENTO DE PROPAGANDA NAS CARTAS DE INÁCIO DE ANTIOQUIA.	
2.1. <i>Antecedentes de Antioquia</i> .....	35
2.2. <i>O ideal de bispado</i> .....	39
2.3. <i>A defesa do martírio</i> .....	45
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

## Introdução

O objeto de pesquisa utilizado em nossa monografia são as sete cartas do Bispo Inácio de Antioquia na Ásia Menor, cujo conteúdo, prioriza a defesa do status de Jesus Cristo e a unidade da comunidade cristã em torno da tríade eclesiástica, formada pelo Bispo, presbítero e o diácono. A partir desses dois aspectos principais surgem as críticas de Inácio aos judaizantes e a outros pregadores do cristianismo e a sociedade romana, que segundo o Bispo de Antioquia enfraquecem a unidade da comunidade cristã e levam seus integrantes ao chamado pecado.

A maioria dos especialistas concorda que as cartas de Inácio de Antioquia foram escritas por volta de 110 d.C., quando o Bispo foi preso e levado por um destacamento de soldados a Roma no governo do imperador Trajano.

No trajeto de sua cidade natal até o centro do império passou por diversas cidades até chegar a Esmirna de onde escreveu quatro cartas às cidades de Éfeso, Magnésia, Trália e a igreja dos romanos em Roma e outras três cartas escritas em Trôade para os cristãos de Filadélfia, Esmirna e outra e ao Bispo Policarpo de Esmirna.



Ilustração sobre a viagem do Bispo Inácio de Antioquia até Roma. (Fonte Gaudim Press, espiritualidade).

Após este percurso, Inácio foi levado a Nápoles e em seguida a Roma onde foi julgado e entregue aos leões na arena, segundo a lei que punia com a morte aqueles que eram cristãos e não prestavam culto aos deuses romanos, mesmo quando estavam no tribunal e lhes era oferecido o benefício pelo procurador de um prazo de trinta dias para pensar se realmente não prestariam culto aos deuses. Devemos salientar que o julgamento em si para os cristãos variava para cada procurador romano, por fatores como intolerância por parte da autoridade, pressão da opinião pública ou de onde que partiram a procedência das denúncias.

Quanto ao conteúdo das cartas, elas seguem um padrão começando pela saudação inicial ao Bispo e a comunidade. Em seguida, Inácio elogia as qualidades da comunidade em relação à manutenção de uma fé tradicional muito parecida com aquela que os católicos têm hoje em relação à paixão de Jesus e seu status divino e ressuscitado em sua própria carne.

Inácio também fazia recomendações para que a comunidade não caísse na heresia, como as vertentes do próprio movimento cristão que pregavam, por exemplo, uma maior aproximação com os hábitos judaicos em relação à circuncisão e as regras alimentares como não comer carne de porco ou a permanência do sábado como dia do Senhor em vez do domingo. E até mesmo a dúvida de que Jesus fosse realmente o messias, devido à expectativa de origem judaica de uma iminente volta de Cristo e instalação do reino físico de Israel na terra, que não se concretizava. O judaizar dos cristãos era o alvo das mais violentas críticas de Inácio, que diz: “É absurdo professar Cristo e judaizar” mostrando a primeira oposição clara entre os dois cultos. (Nogueira, 2009, p. 140).

As cartas também definem a hierarquia da igreja em torno da figura do bispo, presbíteros e diáconos, mas dando ênfase à submissão dos cristãos ao bispo e a união da comunidade com a celebração em uma mesma igreja para manutenção da fé e divisão dos víveres através da caridade para o propósito da unificação em torno de uma só igreja e dogma. Além do desejo de Inácio de imitar a paixão de Cristo através de sua morte em que diz “sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras”. Ao final ele faz preces à igreja da Síria e diz de onde está escrevendo, agradece os que o acompanham ou estão levando suas cartas às comunidades já relatadas, mostrando a circulação das cartas e bem provável correspondência entre as comunidades e um

importante meio para disseminação dos preceitos ou normas cristãos mais aceitos pela vertente de Inácio.

As cartas foram escritas no período do apogeu do império romano, no tempo de sua maior extensão territorial, sob o governo do imperador Trajano, quando a se estabeleceu através da carta a Plínio o jovem que governava a região da Bitínia ao norte na Ásia Menor por volta de 112 d.C. que os cristãos não deviam ser perseguidos, a não ser em caso de denúncia formal em que um cidadão se apresentava publicamente e acusava certos indivíduos de não praticar o culto às divindades. Os primeiros dois séculos não havia perseguições sistemáticas regulares para os adeptos do cristianismo e sim períodos de delações e de paz, que promovia o espaço para o crescimento da nova religião, mas que nem por isso tornava tranquila a vida das comunidades cristãs.

Assim, não deve ser grande o número de mortes pelas autoridades no período, primeiro que muitos ao terem que escolher entre a morte e prestar o culto às divindades politeístas, na maioria das vezes, optavam pela vida, não só por uma questão de não terem certeza de sua fé, mas também pelo medo de morrer. Talvez ainda se perguntassem sobre quem iria alimentar sua família de características nucleares ou sustentassem o pensamento de que seriam perdoados e reintroduzidos na comunidade cristã.

Temos uma ideia sobre como os romanos viviam em uma sociedade politeísta e viam a figura de Jesus crucificado a partir de um grafite encontrado em Roma do início do século III. Nele é retratado Cristo com uma cabeça de burro e um homem do seu lado o adorando, juntamente com a frase “Alexamenos adora Deus” (Rops, 1988, p. 167). Tal grafite revela a visão romana acerca daqueles que tinham fé em um homem crucificado e supostamente ressuscitado. Ou como o próprio Inácio diz na carta aos efésios capítulo 18:1: “Meu espírito é vítima da cruz, esta é escândalo para os incrédulos”.



*Grafite no quartel do monte Palatino, em Roma no início século II (Collins & Prince: 1999, p 46).*

Outra questão é a visão dos pagãos em relação à forma e os ritos cristãos, que eram feitos na casa dos fiéis, que provocava um ar de mistério nas celebrações estranhas e privadas, o que era o oposto do culto romano, de modo coletivo e visto por todos e envolvia o sacrifício de animais que eram servidos aos participantes. As palavras das reuniões em que o sangue e o corpo de Cristo eram divididos entre os irmãos eram outro motivo de desconfiança por pensarem se tratar de canibalismo.

Este caráter privado do ritual cristão gerava hostilidade popular por não compreenderem o funcionamento da nova fé ou ‘superstição’ (na qualificação romana). Dessa forma cresciam os boatos de atos grotescos como o assassinato de crianças e a divisão de seus membros ou mesmo orgias coletivas (Rops, 1988, p. 166).

É nesse contexto de perseguições intermitentes aos cristãos do século II que ocorre uma gradual expansão do cristianismo, porém permanecendo como um movimento marginal e minoritário. Mas como são mostrados em várias passagens de Atos dos Apóstolos há conversões em diversas camadas sociais das comunidades alcançadas pelos pregadores cristãos, que no século II já se mobilizam para uma unificação em torno de um só “dogma” e igreja, combatendo grupos dissidentes dentro do próprio movimento.

A base de nosso trabalho está na Nova História Cultural e no conceito de representação definido por Roger Chartier, tendo com base a ideia de Michel Foucault acerca da ordem do discurso. Este trata o discurso como produtor de práticas sociais

que, a médio prazo, molda a identidade de certo grupo à medida que o discurso é absorvido e reproduzido como prática, dando origens a novos discursos e outras práticas. Mesmo quando se diferencia de sua origem mantém o elo que qualifica o grupo dentro de um conjunto de valores que forma parte de sua identidade.

Quanto ao tratamento historiográfico das cartas de Inácio de Antioquia e também da bibliografia selecionada, utilizaremos o historiador e também jesuíta Michel de Certeau por sua análise da prática e do discurso historiográfico. Primeiramente ele defende que o discurso não é um “corpo flutuante” e por isso está inserido dentro de um contexto, assim a produção do conhecimento histórico passa pela prática da realização do discurso, que é aquilo que passou ou se passa, assim Certeau nos recomenda estarmos atentos à “fabricação do discurso”. O autor concebe o trabalho do historiador e, assim, a própria história produzida por eles como uma construção influenciada pelo seu meio, isto é, pelas tendências historiográficas que estão em voga. Dessa forma tratando tal grupo dentro de uma prática social, somado às influências que sofrem pelo contexto cultural da localidade. Então toda a análise do passado passa inevitavelmente por uma compreensão do presente, e como isso segundo Certeau: “História é nosso mito, ela combina o pensável e a origem”, ou seja, a noção que temos da nossa sociedade e o objeto do passado.

No primeiro capítulo construiremos uma perspectiva sobre o contexto no qual o movimento cristão se desenvolve no império romano, em seguida definiremos os principais preceitos do Bispo Inácio de Antioquia e as possíveis implicações com o politeísmo romano, por fim indicamos o papel de terceiros, que a nosso ver fortalecem a retórica do Bispo Inácio.

No segundo capítulo construiremos uma perspectiva histórica do grupo dos cristãos e judeus na cidade de Antioquia, em seguida qualificaremos o ideal de bispado defendido por Inácio e também a defesa do seu martírio junto à comunidade cristã de Roma.

## **Capítulo I – A influência dos preceitos de Inácio de Antioquia e suas possíveis implicações com o politeísmo romano**

### **1.1. Paganismo**

Antes de tratar especificamente das questões referentes às cartas de autoria de Inácio de Antioquia, construiremos uma perspectiva quanto à situação geral do Império Romano no século I, em relação às modificações do paganismo no intuito de legitimar o diálogo com fontes anteriores às cartas inacianas para o fortalecimento do nosso trabalho Histórico.

No paganismo as celebrações públicas eram o centro das atividades religiosas e cívicas das cidades. Com a expansão geográfica proporcionada durante a república e o surgimento de novos contatos com os povos Orientais como os egípcios, foram sendo incorporados novos deuses ao panteão Romano, além de circunstâncias internas do período de ascensão de Júlio César:

No entanto a grande novidade religiosa que surgiu das guerras civis foi a idéia de que existiria uma ligação especial entre alguns Deuses e os chefes militares (Pinto, 1997, p 354).

As vitórias militares concederam o status de favorecidos de certos deuses a alguns generais, que se tornou um modelo para os imperadores que se seguiram, variando segundo a capacidade de se legitimar de cada imperador subsequente. Procurando manter a religiosidade tradicional através de reformas e construções de novos templos, ao mesmo tempo em que fortalecia o culto para si próprio e criando a possibilidade real de se tornar um imperador-sacerdote.

O imperador exercia plenos poderes políticos e religiosos a ponto de criar a estrutura física e jurídica para ser cultuado. Estas mudanças, segundo Claudia Beltrão de Rosa (2006, p148), “consistem em uma negociação entre mudança e acomodação da mudança”, ou seja, o surgimento de novos cultos e esquecimento de outros.

Paulo Hilu Pinto (1997,p 359) afirma que a “desagregação dos laços que envolviam os indivíduos na Cidade-Estado antiga apresentou demandas que não foram supridas pela religião imperial”. Criando a abertura religiosa, que promoveu o

surgimento de novos cultos como Cibele que não seguiam as formalidades romanas, devido sua carga emocional e a conseqüente exigência ritual para a iniciação que envolvia provações para corpo, até mesmo a castração que se configura como crime para padrões da época, mas que tinham como mensagem a promessa de um pós vida sem sofrimento.

Outros cultos como a Baco, Mitra e Ísis também adentraram as fronteiras romanas e conseguiram crescer e até serem consideradas legítimas perante a benevolência ou participação de alguns imperadores como Cláudio e Calígula, apesar das cerimônias privadas despertarem o receio de camadas conservadoras da elite romana, tanto por não serem religiões tradicionais quanto pelas suspeitas de camuflarem organizações políticas contrárias a estes que estavam no poder. Sobre esta questão Hilu Pinto que diz:

A grande transformação que eles provocavam na mentalidade religiosa romana foi à passagem de uma religião cívica para uma religião onde o culto praticado passa por uma escolha pessoal. (Hilu, 1997, p. 364).

A possibilidade de escolha que se difundiu abriu portas para atração dos gentios diversos cultos, como o judaísmo e o cristianismo, mesmo sendo em pequeno número. Segundo Pablo Richard tal desenvolvimento seguiu o seguinte padrão:

O Mediterrâneo, que foi o espaço de expansão do cristianismo, era fechado: ao oeste, pelo imenso inexplorado Oceano atlântico; ao norte, pelas selvas impenetráveis do norte da Europa; e ao sul, pelo grande deserto do Saara. A única abertura para este espaço fechado era o oriente: Síria oriental, Mesopotâmia, Ásia Central, Índia, China. (Richard, 1995, p.9).

Nesse cenário o paganismo romano estava em uma lenta, mas constante renovação, sendo ela aglutinadora, de modo não se excluir dos demais eventos de caráter cívico e religioso do império. Desse modo, ela poderia ser aceita e tolerada caso também se ajustasse frente à ambígua moral romana, começando pela autoridade central do imperador e seus governadores de províncias que nem sempre atrelavam suas decisões às do Cesar.

No desenrolar dessa transformação o cristianismo também se desenvolvia, inicialmente como um movimento de renovação judaica para uma forma parcialmente independente de suas raízes, passando a ser uma contradição na sociedade por não se adaptar ao politeísmo romano e por não ter os mesmo privilégios do judaísmo, que

também se tornaram oscilantes após a guerra judaica e a destruição de Jerusalém em 70 d.C. (Richard, 1995, p. 10).

Como os demais cultos mencionados o cristianismo também propagandou e atraiu adeptos com a promessa de uma pós vida para aqueles seguissem corretamente a nova religião. Partindo da contradição que se torna o cristianismo naquele meio e do ambiente favorável para o florescimento de novas crenças, analisaremos as Cartas inacianas.

## 1.2. Preceitos inacianos

Autores como Liébart verificam certa influência dos escritos do Paulinos e Deutero-Paulino e daqueles atribuídos ao apóstolo João sobre as cartas de Inácio:

Observam-se, nesses textos, afinidade com o quarto Evangelho e com a primeira Epístola de João; evidenciou-se também que as Cartas são marcadas pela influência das epístolas paulinas sobre tudo 1coríntios e Efésios, e das Pastorais; do mesmo modo que em Paulo o martírio é apresentado como imitação da paixão de Cristo, e a existência cristã é toda centrada na união com Cristo. (Liébaert, 1986, p. 25).

Suas cartas geram confiabilidade para defesa do que ele descreve como certo ao jovem cristianismo em meio a disputas internas e à perseguição localizada contra os cristãos em Antioquia, resultando em sua prisão e a confecção das cartas no caminho até Roma. Sua retórica estimula a unidade e submissão da comunidade em torno da hierarquia do Bispo e seus auxiliares e também, e não menos importante, a preservação correta da memória, status e ensinamentos de Cristo.

No início de cada carta ele saúda a comunidade cristã residente e abençoa a fé comum que eles têm em Jesus Cristo, incluindo novos elementos como a proximidade da cidade em relação ao rio Meandro no caso da Magnésia, ou lembrando a esperança na ressurreição prometida aos fiéis de Trales.

Inácio também elogia algumas comunidades por seguirem a doutrina dita correta, ressaltando principalmente Roma como exemplo de caridade e observância à lei de Cristo. E também destaca a tríade de obediência encabeçada pelo Bispo e seus auxiliares Presbíteros e Diáconos na carta aos Filadelfos.

A unidade da comunidade e a submissão em torno da tríade eclesiástica é tema recorrente em cinco das sete cartas, ficando a carta aos Romanos de fora devido ao seu objetivo ligado à defesa e justificação do seu martírio e também de não impedi-lo. A epístola a São Policarpo enfoca a conduta e ensinamentos do Bispo frente aos fiéis e os demais clérigos, como a uma unidade entre eles, além do seu comportamento frente aos pagãos.

A passagem mais clara em que Inácio estabelece a força da tríade eclesiástica está na carta a Esmirna:

Sigam todos ao bispo, como Jesus Cristo ao Pai; sigam ao presbitério como aos apóstolos. Acatem os diáconos, como à lei de Deus. Ninguém faça sem o bispo coisa alguma que diga respeito à Igreja. Por legítima seja tida tão-somente a Eucaristia, feita sob a presidência do bispo ou por delegado seu. (8:1)

Neste trecho Inácio pede que respeitem os dirigentes da igreja e que não façam cerimônias religiosas de qualquer espécie sem o consentimento deles, o que Roselaine Soares Cunha (2009, p 28) compreende da seguinte forma: “Inácio oferta aos fiéis faces humanas a se obedecer, como espelhos para se alcançar o Paraíso”.

Estes eleitos de cada comunidade são as figuras nas quais ela pode enxergar e reproduzir em um plano ideal a fé a caridade que lhes é transmitida com palavras e atos, indo da divisão do pão à ajuda aos necessitados e a não participação dos cultos pagãos.

Inácio vê o Bispo como regente de uma orquestra de práticas cristãs como uma melodia que se caracteriza pela harmonia social, tendo a fé e as obras como base, como vemos no fragmento:

Por isso, no acorde de vossos sentimentos e em vossa caridade harmoniosa, Jesus Cristo é que é cantado. Mas também, um por um, chegais a formar um coro, para cantardes juntos em harmonia; acertando o tom de Deus na unidade, cantais em uníssono por Jesus ao Pai, a fim de que vos escute e reconheça pelas vossas boas obras, que sois membros de seu Filho. (Inácio aos Efésios 4:1).

Desse modo a garantir esta unidade e correta preservação dos ensinamentos de Cristo, Inácio também diz para os fiéis se reunirem com frequência para o culto, sendo o dia de reunião o domingo por ser dia do Senhor. Este costume não exclui a ocorrência de outros ritos durante a semana.

Outro aspecto enfatizado é a fé e a caridade quando diz “Pois o começo é a fé e fim a caridade”, sendo o primeiro a crença correta em Jesus Cristo desde sua descendência por parte do rei Davi, sua concepção virginal através de Maria até a morte e o ressuscitar em sua própria carne se tornando o “libertador da morte”, a esperança para todos os cristãos na promessa da vida eterna.

Quanto à caridade, é lembrada em todas as cartas de Inácio e se remete obviamente à ajuda dos pobres, viúvas, doentes e órfãos, primeiro pela influência de origem judaica e segundo pela própria herança dos Apóstolos. Inácio, no entanto, não limita estes atos de caridade à comunidade cristã, mas também os estende aos gentios, o que pode ser interpretado com uma forma de atração de adeptos, mesmo se aqueles que o fazem não tenham clareza disso. Ele também fomenta uma prática de ajuda mútua entre os membros da comunidade, estreitando os laços entre os indivíduos e favorecendo a coesão da comunidade e a proteção, em meio a sociedade romana em que a escravidão por dívidas era algo aceitável.

No governo do imperador Trajano foi executado um conjunto de reformas como financiamento a juros baixos aos agricultores, construções de aquedutos nas cidades, banhos públicos, templos, teatros, aquecimento do comércio e manutenção da paz romana, o que pode ter aliviado em parte as pressões sociais. Tais medidas foram financiadas pelas vitórias contra os Dácios que começam em 101 e terminam em 106 e trouxeram um novo afluxo de metais preciosos e de escravos que abasteceu a economia romana. (Stadler, 2008, p. 244).

Porém, estas reformas não atingiam a todos no império, desse modo, sempre havia oprimidos, pois o mais próximo de políticas assistencialistas que havia na época era o sistema romano de patronato e clientela que não ajudava os mais pobres, e sim membros de corporações ou agremiações. Tal sistema assumia um caráter filantropo seletivo que deixava à margem uma vasta gama de indivíduos, como estrangeiros, doentes e os escravos. Além disso, o patrono, ao destinar recursos para uma cidade, sendo ele principalmente o imperador nesse período, mantinha um objetivo político que ultrapassa a simples diminuição das tensões sociais. (Silva, 2011, p. 53-56).

Porém há o dado histórico de que os judeus teriam doado mil dracmas para edificações na cidade de Esmirna, mostrando a participação social desse grupo em

benefício do coletivo. As motivações para esse feito, no entanto, são desconhecidas. (Arens, 1997, p.167).

O que nos leva ao fragmento VIII da Didaqué escrito entre 80 e 90 que pede aos fiéis que rezem a oração ensinada por Jesus:

Não reze com os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: “Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu: o pão-nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixe cair em tentação, mas nos livrai do mal porque teu é o poder e a gloria para sempre”. (Capítulo VIII:2)

O fragmento apresenta uma oração na qual pedem o perdão de suas dívidas e apesar de não pertencer exatamente ao período inaciano percebemos certa relevância, por haver pessoas nessa situação diante de um suposto agravamento que justificaria a grande interferência econômica do Imperador Trajano.

Resumidamente para Inácio a fé se qualifica pela crença correta e a caridade aos outros. Dessa maneira se constrói o cristão pleno que tem a conduta ou ações de um “cristão de fato”, a vida cristã para o Bispo, não sendo compatível com os hábitos citadinos romanos personificados na pessoa do imperador, pois ele informa “Não vos deixeis ungir pelo mau odor da doutrina do príncipe deste mundo, de forma que vos leve cativos para longe da vida que vos espera”.

Inácio reitera a promessa da vida eterna, mas não qualifica e também não nomeia as práticas pagãs que corrompem os cristãos, talvez por não ser objetivo das cartas o embate com o politeísmo romano. O problema mais urgente para ele é o firmar de um culto padrão para cristianismo. Inácio ainda demonstra receio de que seus preceitos sejam mal interpretados pelos fiéis, se convertendo em prova contra eles, quando Inácio diz na carta a comunidade de Trales 12:3 “Desejo que me escuteis com amor, para que minha carta não me transforme em testemunho contra vós”.

Dessa maneira ele prega a mansidão frente à maioria que os cerca, com a qual se deve manter convívio pacífico para a sobrevivência e continuidade do cristianismo, como no fragmento:

Diante de suas explosões de cólera, vós sereis mansos; diante de sua presunção, sereis humildes; diante de suas blasfêmias, oferecereis orações, diante dos erros deles, manter-vos-eis firmes na fé, diante de sua selvageria, sereis pacíficos, sem procurar imitá-los. (Inácio aos Efésios, 10:2).

E também para manter o bom nome da comunidade, como ordeira e pacífica frente aos pagãos e suas autoridades que não toleravam revoltosos em suas províncias, como pode ser vista na passagem da carta a Trales 8:2 “Não deis pretextos aos gentios, para que a comunidade de Deus não seja injuriada por causa de uns poucos insensatos”.

Um dos pilares das cartas é a unidade em torno da tríade eclesiástica, tendo a fé como princípio ideológico aos que já fazem parte da comunidade e aos que adentram a religião, somada à caridade em *formas de ação* para o bem comum e a salvação do todo, que é a comunidade, dessa forma abrindo espaço para o perdão no caso daqueles que tenham se afastado, em relação ao mundo cristão, bastando que eles demonstrem a fé e a prática da caridade para serem readmitidos.

Estes preceitos reforçam o sentido de grupo e de diferenciação em relação ao mundo não cristão ao observar a retórica absorvida dos escritos do apóstolo Paulo e defendida por Meeks (1992, p 137), que pode ser atribuído a Inácio ao se referir aos fiéis como irmãs, amados, caríssimos. Esta retórica segundo Meeks gera um sentimento de pertencimento de proteção contra a sociedade pagã e também afastando os fiéis de seus competidores, ou seja, de outros pregadores nascidos de outras influências do cristianismo que têm uma retórica repudiada por Inácio.

Assim este ser cristão é identificado dentro na comunidade obviamente através do comportamento de seus integrantes, que além dos já citados, eram exortados a manter a prática do respeito mútuo, tal como Inácio diz “não olhando os outros segundo a carne”, favorecendo a pureza antes do casamento. Este preceito deveria ser seguido tanto a homens quanto por mulheres. Segundo o trecho encontrado nas cartas que diz: “guardai vosso corpo como templo de Deus”. A união do casamento deve ser feita na presença do Bispo e respeitada por ambos, segundo Inácio:

Fala às minhas irmãs, que amem o Senhor e se contentem com os maridos na carne e no espírito. Da mesma forma, recomenda aos meus irmãos em nome de Jesus Cristo que amem suas esposas como o Senhor ama a Igreja. (Inácio a São Policarpo, 5:1)

Dessa forma a uma similaridade entre a cultura judaica, na qual não deve repudiar os filhos e outros povos, como os egípcios e os Dácios atacados por Trajano. Segundo Paul Veyne (1985, p 21) isto evita à necessidade de fragmentação da fortuna ou destinar recursos para a educação de poucos filhos com preferencia ao sexo masculino no caso de um cidadão romano, assim ao nascer uma criança romana seu pai pode escolher se a levanta de onde a parteira o deixou ou não. Com esse gesto o pai reconhece o filho como legítimo, que não leva exclusivamente aos indesejáveis a morte pela possibilidade de ser criada por outras pessoas ligadas a mãe, como amigos ou escravos de confiança, porém quando está não tem a intenção de ter o filho é bem provável que ainda no ventre este encontre seu fim.

É claro o modo diferente das duas culturas tratarem seus filhos, mas por este não ser um problema muito presente nas comunidades Cristãs não recebe uma atenção específica nas cartas, pois a mulher mantendo uma conduta “cristã”, não tende a praticar o aborto. Dessa maneira é preciso que estes filhos sejam batizados e educados dentro dos preceitos cristãos e passem a praticar dentro de uma ótica ideal, os hábitos comuns que geram a identidade de grupo e a diferenciação em relação aos demais, para os quais é necessário rezar para que se convertam.

Porém, Inácio ao defender estes aspectos que de forma aos hábitos esperados da comunidade, mostra os pontos em que os cristãos estão mais fragilizados e recorrendo no chamado pecado. Isto nos leva a perceber como é sedutor o modo de vida romano no ambiente citadino com seus teatros, cerimônias cívicas regadas a muita comida e bebida em que relações extraconjugais poderiam ser frequentes.

Ou talvez devamos refletir sobre uma das perspectivas defendida por Siân Jones quanto à formação da etnicidade, por ser um campo de compartilhamento entre culturas em que fronteiras são pouco definidas e por isso a classificação de grupo estritamente homogêneo dentro de certas provas documentais e arqueológicas se torna arriscado. Além disso, a autora atenta para o fato de que os pesquisadores fazem e também a nossa se constroem a partir de representações do passado somadas as influências do presente. (Jones, 2005, p 33 a 35).

Voltando a Paul Veyne, a união pagã não tem o mesmo peso da união cristã quanto à fidelidade mútua e união por toda a vida, favorecendo mais o homem que a

mulher, por ser uma sociedade patriarcal em que a mulher tem o compromisso de gerar filhos, de preferência homens e de seu esposo.

Ultrapassando o âmbito da fé, atingindo o território do convívio com os pagãos, ao seguir estas práticas ao pé da letra cria-se a separação teórica entre os dois grupos, romanos e cristãos, por conviverem em uma sociedade na busca por seu sustento físico e mantendo relações que, quando incompletas pela negligência com os cultos citadinos, suscitam hostilidade dos pagãos.

Outro elemento a ser observado no movimento cristão é seu desenvolvimento com o início da pregação dos Apóstolos em diferentes regiões e o surgimento de diversos centros. Variando do sincretismo ocorrido através das décadas que se seguiram entre os preceitos de origem judaica e a própria diversidade cultural de cada região, resultaram diferentes interpretações do cristianismo disseminado pelos discípulos de Jesus, mesmo com as tentativas de padronização da fé, como o concílio de Jerusalém em meados do século primeiro, mencionado em Atos 15 e Gálatas 2, que não evitou os pontos de vistas criticados por Inácio e considerados hereges.

Quanto aos adeptos de outras vertentes do cristianismo, os mais facilmente identificados são os docetas e os pejorativamente chamados de judaizantes, sendo estes últimos aqueles que mantem costumes judaicos ou são atraídos para seus ritos, narrativas e mistérios. Os judaizantes passam a influenciar a comunidade com um discurso que aproxima a figura de Cristo a sua origem judaica, porem, segundo Inácio, distorcendo o status de seu mestre. Isto o leva a afirmar que “o cristianismo não deve abraçar o judaísmo e sim o judaísmo o cristianismo” por representar a nova esperança de seu Deus.

Inácio não desqualifica a herança judaica do cristianismo, honrando os profetas que esperam a vinda do messias e seus representantes que ficaram incumbidos de preservar as escrituras do Antigo Testamento. Mas deixa claro sua posição ao dizer:

Se, no entanto, alguém vier com interpretações judaizantes, não lhe deis ouvido. É melhor ouvir doutrina cristã dos lábios de um homem circuncidado do que a judaica de um não-circuncidado. Se, porém, ambos não falarem de Jesus Cristo, tenha-o em conta de colunas sepulcrais e mesmo de sepulcros, sobre os quais estão escritos apenas nomes de homens. (Inácio aos filadélfios, 6:1).

Para Nogueira, esta representa uma passagem metafórica, que tem como centro a mensagem de que o cristianismo é melhor que o judaísmo e não se deve atribuir valor demasiado às escrituras judaicas (Nogueira, 2009 p141).

O elemento que nos faz acreditar que estes judaizantes são membros da comunidade e não judeus oriundos de fora é o fragmento da carta aos filadélfios, mostrando a típica exigência de origem judaica rabínica quanto à confirmação nas escrituras. Além do “ouvi alguns dizerem” que a nosso ver, indica que tenha ocorrido no seio da comunidade de Antioquia por pessoas próximas de Inácio que lhe trazem esta preocupação.

É que ouvi alguns dizerem: «Se não o encontro nos documentos antigos, não dou fé ao Evangelho». Dizendo eu a eles «Está escrito», responderam-me: «É o que se deve provar! Para mim, documentos antigos são Jesus Cristo; para mim documentos invioláveis constituem a Sua Cruz, Sua Morte, Sua Ressurreição, como também a Fé que nos vem d’Ele! Nisso é que desejo, por vossa oração, ser justificado. (8:2).

Quanto ao docetismo a palavra em sua origem grega (dokein) se refere a aparecer ou se manifestar. Na prática, os docetas negava a corporeidade de Cristo. Segundo Meunier estes docetas não formaram um movimento unificado nesse período e sim tendências que surgiram no decorrer do tempo nas comunidades cristãs, devido a influências diversas, como da mitologia Grega em que seus Deuses tomam formas humanas para interagir com a humanidade, ou ainda um “docetismo judeu-cristão” que mostra Cristo como um mestre de mistérios ocultos desprendido da realidade humana por ser “mais sedutor e mais fácil de ser admitido pela razão do que um Cristo plenamente homem e Deus, paradoxo estranho”. (Meunier, 2005, p 40 e 41).

A reação de Inácio a estes é percebida na carta aos Tralianos que Meunier também transcreve em seu livro, mostrando que o próprio martírio do Bispo não teria sentido pela falta de um corpo para Cristo:

Se, porém, como afirmam alguns que são ateus, isto é, sem fé, Ele só tivesse sofrido aparentemente – eles é que só existem aparentemente – eu por que estou preso, por que peço para combater com as feras? Morro, pois em vão. Estaria então a mentir contra o Senhor. (10:1).

E ainda outro fragmento da carta a Esmirna que reforça a corporeidade de Jesus em sua própria carne:

Eu, porém, sei e dou fé que Ele, mesmo depois da ressurreição, permanece em Sua carne. Quando se apresentou também aos companheiros de Pedro, disse-lhes: Tocai em mim, apalpai-me e vede que não sou espírito sem corpo. De pronto n'Ele tocaram e creram, entrando em contato com Seu Corpo e com Seu espírito. Por isso, desprezaram também a morte e a ela se sobrepuseram. Após a ressurreição, comeu e bebeu com eles, como alguém que tem corpo, ainda que estivesse unido espiritualmente ao Pai. (3:1-3).

Diante do contexto geral das críticas a este grupo, notamos que já nesse período não se tratava de opiniões esparsas em meio ao cristianismo e sim de uma tendência combatida, pela presença constante em todas as cartas.

Apoiados pela ótica de Michel Foucault sobre o papel do discurso na produção de práticas e verificando que as comunidades cristãs das cinco cartas analisadas podem sofrer influência tanto de Inácio quanto das demais vertentes do cristianismo, somando estas contradições internas à mista cultura pagã que tem como principal referência às celebrações Estado-religiosas e as leis que regulam as relações entre os indivíduos no império romano. A nosso ver a uma concorrência entre os discursos de Inácio e as demais vertentes do cristianismo dentro do mundo romano e por isso tentem a formar práticas híbridas dinâmicas, ou seja, que os cristãos buscam se adaptar às exigências romanas e inacianas que se reporta a manutenção da tradição dos apóstolos e com isso surgem os chamados erros, que o Bispo busca corrigir da comunidade cristã.

### 1.3 Singularidades das cartas

Como observamos as cinco cartas seguem um padrão definido. Observamos que quatro delas guardam elementos próprios que acreditamos estarem vinculados a notícias sobre o que ocorre nas comunidades de destino, sendo trazidas por pessoas que são nomeadas nas cartas de Inácio e passam a acompanhá-lo em seu percurso até Roma.



Foto de satélite da Ásia Menor, adaptado por nós. (fonte Wikipédia, a enciclopédia livre).

Seguindo a ordem das cartas, começaremos por Éfeso, uma cidade de economia comercial e população mista, que compreendia desde o tempo do Apóstolo Paulo uma importante sinagoga, um grande templo dedicado a Ártemis e o início de uma comunidade cristã. Inácio se encontra em Esmirna, a cerca de 70 quilômetros a oeste de Éfeso de onde veio Burrus, com ele Crocos, um esmirnense, que são identificados como seus companheiros, além de outros não citados nominalmente.

Ele se encontra por pouco tempo com Onésimo, Bispo da referida cidade segundo o fragmento da carta de Éfeso 1:3: “Recebi, pois, toda a vossa grande comunidade em nome de Deus na pessoa de Onésimo, dotado de indizível caridade e

vosso bispo segundo a carne”. Por não sabermos quanto tempo passaram juntos supomos que Onésimo, juntamente com seus diáconos, vai até Esmirna, onde encontra Policarpo Bispo da comunidade local, desse primeiro encontro, surgem as cartas. Outra hipótese plausível é a de Inácio, por motivos que não estão presentes em sua retórica, ficar alguns dias na cidade, talvez esperando transporte ao seu destino ou por haver levas de presos a serem conduzidos em uma única embarcação para Roma.

Partindo da troca de conhecimento entre os eclesiásticos, Inácio escreve sabendo dos problemas da comunidade de Éfeso, dessa maneira seu discurso ganha credibilidade por estar a par do ambiente, quando diz no fragmento 9:1 da referida carta “soube de pessoas que por lá passaram, fazendo portadoras de más doutrinas”.

Tais indivíduos ao contrário dos docetas e judaizantes não são criticados por desvirtuar a memória de Cristo e sim por falarem, mas não agirem segundo dizem, algo que leva associação com os preceitos do capítulo XI da Didaqué:

Ele não deve ficar mais de um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três é um falso profeta.

Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.

Na passagem acima a comunidade tem instrumentos para definir quem são os maus ou bons divulgadores dos ensinamentos de Cristo, mostrando um evento particular da carta, mas ao relacionar com a fonte anterior constatamos que não era um aspecto próprio só de Éfeso e sim corriqueiro nas comunidades cristãs.

O autor José Luiz Izidoro estabeleceu paralelos entre o primeiro bloco Didaqué com trechos das cartas de Inácio de Antioquia e também parte de outros documentos com o Atos dos Apóstolos, cartas de Paulo e Evangelhos de Marcos, João e Mateus. Isso tudo vem reforçar a presença desses pregadores itinerantes. (Izidoro, 2007, p 107-109).

Quanto à cidade da Magnésia, ela está localizada na região costeira do sudoeste de Éfeso junto ao rio Meandro, novamente observamos o papel de terceiros informando Inácio sobre aspectos dessa comunidade cristã.

Assim ao pedir a unidade com o Bispo ele acrescenta que conhece o caráter do Bispo e ressalta que com ele está Zótio que já foi seu diácono. Este apelo singular se dá pela juventude do Bispo da Magnésia do qual não é informado o nome e nem a

idade, talvez por ter se perdido ou sido suprimida com o tempo à medida que a carta foi sendo reescrita, mas que não muda o fato de esta comunidade mantém desconfiança em relação a uma liderança jovem, como pode ser visto no fragmento abaixo:

Assim, é adequado a vós, sem qualquer hipocrisia, obedecerdes[ao vosso bispo], em honra d´Aquele que nos amou tanto, já que[pela falsa conduta] não se tenta enganar ao bispo visível, mas Àquele que é invisível. E, com tal conduta, não se faz referência ao homem, mas a Deus, que conhece todos os segredos.( Inácio aos Magnésios, 3:2, grifo nosso.)

O recorte acima nos leva a pensar sobre as fortes críticas contra os judaizantes na referida carta e na palavra hipocrisia, que aparece diversas vezes no Novo Testamento, para desqualificar os fariseus, e a nosso ver pode estar vinculada a uma influência do ideal de sacerdote judaico na comunidade da Magnésia, talvez fomentado pelos chamados judaizantes, a qual Inácio repudia.

A cidade de Tralles era localizada na região da Cária e às margens do rio Meandro ocupando a planície fértil entre as montanhas Aydin ao norte e Menese ao sul, distante mais de cem quilômetros de Esmirna.

Mesmo com a grande distância física que nós observamos, segundo Inácio o Bispo Políbio de Tralles veio até ele, o que reforça a hipótese de que sua permanência em Esmirna foi se alongando. Porém um elemento novo da carta é a conduta dos diáconos observada no fragmento:

Faz-se igualmente mister que os que são diáconos dos mistérios de Jesus Cristo agradem a todos em tudo. Pois não é de comidas e bebidas que são diáconos, mas são servos da Igreja de Deus. Terão que precaver-se, pois, contra as acusações, como contra o fogo. (Inácio aos Tralianos 2:3).

Isso mostra a possibilidade de suspeitas sobre a conduta desses, quanto à distribuição de alimentos aos mais necessitados da comunidade, ou ainda que eles não estejam cumprindo outras obrigações, como as descritas em Timóteo dos capítulos 8 aos 13, na qual ter uma conduta digna para os padrões cristãos é ser casado apenas uma vez, não ser viciado em vinho entre outros prazeres. Esta passagem é interessante porque nas demais cartas não há ressalvas quanto ao comportamento dos Bispos e a

posição dos diáconos na sociedade, o que talvez revele uma situação particular da comunidade de Tralles.



Mapa das províncias romanas em 117 d.C. , adaptado por nós (fonte Wikipédia, a enciclopédia livre).

Quanto a Filadélfia ela está localizada na atual Alaşehir na Turquia e cerca de 100 quilômetros a oeste de Esmirna, sendo sua ligação marítima mais próxima. Após o terremoto de 17 a.C foi reconstruída pelo imperador Tibério e foi uma das cidades em que o Apóstolo Paulo pregou o cristianismo.

Primeiramente é importante estabelecer que Inácio esteja em Trôade cerca de 350 quilômetros da Filadélfia por via terrestre e sendo correto que ele escreveu a carta de lá, o mais plausível seria levá-la pelo mar até Esmirna e então transportá-la até a referida cidade. O que nos chama atenção nessa epístola é o reforço ao defender a unidade da tríade eclesiástica mesmo com as desavenças entre coléricos no fragmento:

Clamei, quando estive entre vós, e o disse alto e bom som, na voz de Deus:« Apegai-vos ao Bispo, ao Presbitério e aos Diáconos!» Alguns desconfiaram que eu assim falava, porque sabia da separação de diversos deles. No entanto, é-me testemunha Aquele, por quem estou preso, que por intermédio de homem carnal não vim, a saber, coisa alguma.( Inácio aos Filadélfios, 7:1e 2).

É provável que a permanência do Bispo nas ditas cidades da Ásia Menor tenha se alongado, assim tornando compatível com as situações já relatadas, justificando a presença de notícias e dúvidas sobre seus ensinamentos e a necessidade de ele responda a elas. Inácio mostra que havia desentendimentos entre os membros eclesiásticos quando diz que “sabia da separação entre eles” que poderia provocar enfraquecimento da coesão social devido talvez ao comportamento dos diáconos, ou ainda que brotassem diferentes pontos vista dentro próprio núcleo que Inácio vê como arrimo da comunidade.

Outro aspecto é a notícia recebida pelo Bispo dizendo que sua cidade natal está novamente em paz, se mostrando em mais um elemento que fortalece para a hipótese dele ter ficado tempo necessário para chegar à mensagem, sendo que poderia estar em Esmirna ou aumentando ainda mais o trajeto em Trôade e com isso novamente reforçando o papel de terceiros que lhe trazendo notícias.

Com a volta da normalidade ele também pede para escolher um diácono e enviar para comunidade de Antioquia, mostrado a possibilidade de ter ocorrido mais prisões e também a preocupação quanto ao desamparo religioso da localidade.

Recebi notícia, que graças à oração e à participação íntima que cultivais em Jesus Cristo, a Igreja de Antioquia na Síria recobrou a paz. Convém, portanto, que vós, como Igreja de Deus, escolhais um diácono para presidir uma embaixada de Deus àquela cidade, e congratular-se com eles, por estarem unidos pelos mesmos vínculos, e glorificar o Nome.( Filadélfia 10:1, grifo nosso)

No final da carta ele cita pessoas que o acompanham fazendo referência a Filon o diácono da província romana da Cilícia e Reo de Agatopo que o acompanha desde a Síria por iniciativa própria, os qualificando como homens íntegros na fé e que possivelmente levam à carta a cidade da Filadélfia e por isso são recomendados.

O Bispo, ao escrever suas cartas tem grande ajuda de pessoas que estão com ele desde o início de seu sofrimento, além de outros que se juntam a ele pelo caminho e passam a informá-lo sobre os principais problemas das comunidades, somado evidentemente a sua própria erudição de base paulina, joanina e sua experiência de bispado em sua cidade natal. Acreditamos também que ele ficou tempo suficiente em Trôade e Esmirna para chegar a receber notícias da Síria e saber que estavam duvidando do que ele diz. O fato de todo este diálogo acontecer com ele preso, nos leva a pensar se os Bispos das localidades as quais são dirigidas as cartas são

respeitados pelas autoridades romanas e a entrada de seus ajudantes nas prisões é permitida ou ocorre propina nessas relações.

Por fim, toda esta atração que a figura de Inácio exerce durante seu percurso até Roma não é só por estar preso e sim por sua retórica não descrita nas cartas convenceu diversos indivíduos a acompanhá-lo. E ainda de outros que vem ao seu encontro mostrando que ele mantinha contatos com outras comunidades como a de Filon, diácono da província romana da Cilícia, e provavelmente os Bispos citados em suas cartas, demonstrando em parte o valor e a influência nos adeptos do jovem cristianismo da figura do mártir.

## **Capítulo II – A retórica do martírio como elemento de propaganda nas cartas de Inácio de Antioquia**

### **2.1. Antecedentes de Antioquia**

Procuraremos construir através da posição de alguns autores e as limitações das fontes, o desenvolvimento geral do movimento cristão na região da Síria no século I com um enfoque especial em Antioquia, dentro do contexto romano de agravamento da situação dos judeus no império. Ambos os grupos cristãos e judeus mantêm intensa ligação e a separação ideológica por parte de seus membros em dois diferentes movimentos não é percebida até o final do século I. Assim o fazemos no intuito de compreender melhor as posições do Bispo Inácio.

Antioquia foi fundada por Seleuco Nicátor com o nome de Antikheia, tornou-se capital do império selêucida e foi conquistada pelos romanos em 64 a.C., passando a ser a terceira maior cidade do império ao abrigar 500 mil pessoas. Composta por uma população mista de diferentes partes do império, ela inclui uma grande comunidade judaica, que era bem aceita pelos demais habitantes. Diferentemente de outras cidades romanas, a comunidade judaica de Antioquia atraía multidões de gregos segundo o historiador judeu Flavio Josefo em suas cerimônias, havendo até conversões desses ao judaísmo através da circuncisão segundo Atos dos Apóstolos em 6:5, que relata ser Nicolau, um dos sete helenistas, o prosélito de Antioquia. (Selvatici, 2006, p. 154).

A cidade fez parte do roteiro de peregrinação do outrora perseguidor dos cristãos que veio a se tornar o apóstolo Paulo. Este, em meados do século I, pregou em Antioquia sobre a volta do messias, seus preceitos e reforçando seus ensinamentos aos primeiros fiéis. Estes primeiros fiéis eram tanto judeus de nascimento como, principalmente, simpatizantes gentios das práticas judaicas, que, em alguns casos, como já foi mencionado, aderiam à circuncisão.

Em Antioquia ocorreu uma importante discussão entre Paulo, Barnabé e Pedro, provocada pelos emissários de Tiago, chefe da igreja de Jerusalém, sobre o seguimento rigoroso das leis de comida judaicas. O posicionamento desses representantes quanto a seguir fielmente a tradição do judaísmo talvez se explicasse por eles estarem influenciados pelo contexto de pré-guerra com os romanos e a

necessidade religiosa de ganhar o apoio de seu Deus na guerra cada vez mais próxima. Postura de diferenciação e não de aceitação que, segundo Paulo Nogueira, não prevaleceu porque a comunidade cristã acabou adotando apenas preceitos básicos das leis judaicas. Tal seguimento mais relaxado das leis judaicas abriu uma possibilidade para aqueles não judeus que acreditavam em Jesus como o messias adentrarem este movimento, que nesse período ainda era uma vertente da religião judaica e começava a criar traços de uma identidade própria. (Nogueira, 2009, p. 138-139).

Outro elemento salientado por Nogueira é a competição entre os pregadores do cristianismo que “atuavam concomitantemente em uma mesma cidade” e dessa forma possibilitavam a criação de diversos núcleos cristãos. Havia um ambiente de tensão e negociação entre estes grupos em meio ao qual o cristianismo paulino procurou se afirmar, sendo um elemento de grande valor a espiritualização do ritual externo judaico, com a “circuncisão do coração” criada pelo apóstolo. (2009, p 137-139).

Para fins de contextualização, o cristianismo policêntrico (que se expandia a partir de diversos núcleos) crescia e atraía os simpatizantes do judaísmo, enquanto uma forte tensão crescia entre romanos e judeus na Palestina (onde Roma mantinha controle direto sobre a província da Judeia desde 6 d.C.) e na diáspora, desde o governo de Gaio Calígula (37-41 d.C.) e dos eventos subsequentes ao ataque aos judeus em Alexandria em 38 d.C. Além disso, uma série de privilégios concedidos pelos romanos aos judeus desde o século I a.C. provocavam a hostilidade do restante da população contra tais judeus na maioria das cidades, salvo Antioquia e algumas outras cidades da Síria até meados do século I. (Selvatici, p 154-155, 2006).

Este ambiente romano-judeu evoluiu para a disseminação da violência antijudaica pelo império, durante a guerra judaica. Segundo Arens (1997, p165), de 66 a 74 d.C., ocorreram conflitos em Éfeso e até mesmo na mista Antioquia em 67 e 70, sendo o último estimulado por um judeu renegado chamando Antíoco. No mesmo ano de 70 d.C. Jerusalém foi tomada pelas tropas do imperador Tito e o templo dos judeus foi destruído e mais de cem mil judeus foram vendidos como escravos. Mais tarde iniciou-se a cobrança do *fiscus Iudaicus*, um imposto para cada judeu como forma de punição pela revolta contra Roma.

Nessa mesma década de 60 d.C e pela primeira vez em Antioquia, os discípulos foram chamados de cristãos segundo o que consta em Atos 11:26, enquanto em Roma os fiéis sofreram a primeira perseguição em 64 d.C. sob o governo do imperador Nero que gerou o antecedente para que outras também ocorressem. Este precedente é foco de discordâncias entre os historiadores, debate-se de fato foi instituída uma lei ou não contra ser cristão nesse período.

Contudo o que nos mais importa é a diferenciação por parte dos romanos, entre os judeus e cristãos, defendida por Chevitarese, é mais um fator que contribui para a formação da identidade cristã. Deve-se somar a isso a marginalização de suas crenças e o risco de perseguições localizadas, pela não existência de uma lei que garanta sua crença monoteísta.

Após o ano 70 Jerusalém deixa de ser um dos importantes centros do cristianismo, abrindo espaço para Roma e Antioquia. Nesse tempo, surge a necessidade de se escrever as memórias dos apóstolos acerca de Jesus. Entre esses textos está o evangelho Mateus que, segundo Pablo Richard, reúne a prática de Jesus e dos apóstolos se tornando uma parte significativa da identidade cristã. Enquanto isso, os judeus, fundando a academia de Jamnia ou Yafné, se dedicam exclusivamente a comentar a lei da Torá. Surgiam assim, duas tradições escritas que disputavam o direito de representar a verdadeira tradição de Israel depois da destruição do templo. (Richard; 1995, p. 9).

Há uma nova configuração na qual a sinagoga se torna o centro judeu de celebrações e mesmo ainda mantendo seu direito de professar sua fé, porem não tendo mais o mesmo poder junto às autoridades romanas, enquanto os cristãos adquirem aspectos que os tornam diferentes dos judeus. Segundo Néstor Miguez a palavra *Ekklesia* é utilizada em Atos dos Apóstolos e em Mateus para diferenciar do termo sinagoga, que está sempre vinculado ao conflito e eventualmente à expulsão dos pregadores cristãos. Ainda assim, o uso dos termos diferentes não remeteria a ruptura entre os grupos.

Além disso, segundo Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann (2004, p 395) estas medidas são disciplinares intra-sinagogais anteriores ao ano 70, pois após esta data o termo “divergências de caminhos” com os judeus preferindo as sinagogas, na qual também havia a presença de cristãos, mas com estes últimos já tendo seus

próprios centros de reunião. Esta formulação, em nossa opinião, melhor que as teorias anteriores que falam em processo de separação, abrindo caminho para o processo de autodefinição dos grupos devido à situação histórica ocorrida nos últimos trinta anos do século I.

Tal historicidade pode estar vinculada ao antijudaísmo que se manteve latente até o governo de Domiciano, quando se adotou uma política dura contra os judeus a partir do ano 90, passando a cobrar com extremo rigor o *fiscus Iudaicus*, além da exigência de Domiciano de ser cultuado como “*Dominus et Deus*”. Com esta exigência, do ano de 95 em diante os cristãos passaram a ter problemas por não se identificarem como judeus e por não terem a proteção legal do seu culto, o que poderia esclarecer em parte os motivos do apóstolo João nos trechos do apocalipse 2:9 e 3:9, quando critica os cristãos que se passam por judeus. Uma possível razão para esse comportamento seria a de não serem presos com base no crime de lesa majestade.

Apesar de não encontrarmos dados sobre Antioquia nesse período, Segundo Chevitarese (2006, p169) a política de Domiciano para os judeus e cristãos atingiu todo o império e ajudou a identificar dos cristãos antes confundidos com o judaísmo, mostraram que a fé cristã estava presente em influentes famílias romanas, fazendo com que alguns de seus membros até se afastassem da política.

Os governantes romanos posteriores a Domiciano até o tempo de Inácio de Antioquia aparentemente negam a divinização do seu status e passam a adotar uma política bem diferente daquela de Domiciano. Partindo dessa nossa pequena explanação tentamos da melhor forma possível reconstruir os eventos históricos dos grupos minoritários de cristãos e judeus, dentro do ambiente de contínua mudança do mundo romano. Buscamos manter um quadro panorâmico sobre a comunidade cristã da cidade de Antioquia, tendo em mente os escritos de Mateus que são a última fonte cristã produzida anterior a Inácio, o que a nosso ver revela uma das bases do pensamento do Bispo.

Acreditamos que Inácio tenha contado com diversos clérigos ou mesmo outros que poderiam trazer notícias de perseguição em comunidades vizinhas, antes da escrita das cartas como mostrado no capítulo anterior. Nossa análise parte do pressuposto de que o Bispo foi influenciado pelos eventos histórico-teológicos do

século I, principalmente em relação a sua concepção de martírio. Talvez nunca entremos em consenso pleno sobre as diversas propostas, mas acreditamos ser uma abordagem útil para compreender o Bispo e seu desejo de ser martirizado dentro de uma continuidade histórica após o marco histórico do ano setenta.

Por fim, embasados pela perspectiva de Paulo Nogueira (2009) sobre a utilização dos símbolos judaicos pelos cristãos e da necessidade das lideranças cristãs em marcar diferença entre os dois cultos, concluímos que o distanciamento entre judaísmo e cristianismo defendido nos discursos dos pregadores cristãos não tem o mesmo alcance na prática dos fiéis, devido ao compartilhamento dos símbolos judaicos.

## **2.2. Ideal de bispado**

A partir da carta de Inácio a Policarpo e também com a aproximação de trechos do Novo Testamento, buscamos definir alguns pontos em que o Inácio estabelece a boa conduta do “vigia” ou simplesmente bispo, frente à comunidade cristã e a sociedade pagã que o cerca. Suas recomendações atingem a preparação intelectual do dirigente da igreja para enfrentar os chamados “hereges” e defender a unidade e os bons hábitos da comunidade como a castidade e matrimônio, o cuidado com as viúvas e sua posição frente aos escravos, além da aparente centralidade do poder do Bispo.

Seguiremos a ordem da carta ao tratar de cada tema que julgamos essencial, começando pela exortação ao Bispo Policarpo que é visto como “revestido pela graça” e conseqüentemente responsável a persuadir outros à salvação, assim, exercendo um bom trabalho e como próprio o Inácio diz “justifica sua posição”.

Inácio se remete ao trabalho do mesmo, centrado na vigilância da comunidade alicerçada no amor e pelas orações, a fim de se tornar, ou talvez já sendo na concepção inaciana, um “atleta consumado”. Esta expressão está presente no final da primeira carta aos coríntios, sendo uma comparação da disciplina e o desejo de vitória do atleta e o empenho que o Bispo deve ter em seu trabalho na busca de uma “coroa incorruptível”.

Em seguida, Inácio mostra que o mérito está em ter boas relações com os “contaminados” e não apenas os salvos, o que é preceito recorrente nos escritos cristãos, além da semelhança com outros versículos, principalmente em relação à prudência e a confiança em Deus, respectivamente grifadas no fragmento:

Faze-te prudente como serpente em todos os assuntos, sempre simples como a pomba. Por isso é que és carnal e espiritual para atraíres a teu rosto o que te aparece ante os olhos. As coisas invisíveis pede que te sejam reveladas, para que não te chegue a faltar nada e tenhas toda graça em abundância. (Carta a Policarpo 2:2, grifo nosso).

Para Inácio de Antioquia o momento é de crise interna e externa, na qual o Bispo Policarpo deve também se precaver, e ao mesmo tempo, guiar a comunidade para o caminho da salvação. Primeiro internamente esclarecendo os erros dos aparentemente dignos de fé, mas que, a nosso ver, criam disputas teológicas, como pode ser identificado no fragmento:

Aqueles que parecem dignos de fé e, no entanto, ensinam o erro não te abalem. Mantém-te firme como bigorna sob os golpes. É próprio de um grande atleta receber pancadas e vencer. (Carta a Policarpo 3:1).

Quanto à crise externa, o Bispo reafirma o zelo de sua conduta e a perspicácia para reconhecer o momento que vive, ou seja, que se deve pregar o cristianismo, mas pesar suas ações, preocupação presente desde o tempo do apóstolo Paulo em relação à preservação da comunidade. Tal receio está manifestado em relação aos escravos cristãos quando Inácio diz:

Não trates com sobrançeria a escravos e escravas; também eles não se encham de orgulho, mas sirvam com mais dedicação para a glória de Deus, a fim de alcançarem da parte de Deus uma liberdade melhor. Que não se inflamem sabendo que poderiam libertar-se à custa da comunidade, a fim de não acabarem por escravizar-se à cobiça. (Carta a Policarpo 4:2, grifo nosso)

Dessa forma, o cristianismo não é uma revolução social para Inácio, e sim, espiritual em que a preocupação é da salvação do espírito, o que talvez explique em parte o dualismo com que o Bispo trata esta relação de carne e espírito. Isto pode também ser observado nas recomendações a Policarpo, ao dizer que ele é “carnal e espiritual” e, de modo geral, representa o lado físico das fraquezas típicas de todo ser humano, que é somada e não divisível à corruptível alma.

Em termos da situação dos escravos no império romano, estes poderiam até viver melhor que um liberto, porém não adentraremos essa questão. Preferimos nos remeter à ótica cristã do valor de ser “o menor” que está presente em muitas partes do escritos cristãos e tendo como grande símbolo o “lava pés”. Assim o orgulho e o escravo podem estar vinculados a esta perspectiva cristã de submissão que, quando mal compreendida, pode gerar cristãos ociosos de fé e obras.

Esta situação é recorrente nas cartas do Bispo e poderia ser comparada a primeira carta deuteropaulina Timóteo 6:1,2, mas sem a preocupação direta do provável risco à comunidade, sendo um aspecto novo colocado por Inácio, e também na segunda carta de Paulo aos Coríntios 10:5 que trata do problema geral do orgulho:

Nós aniquilamos todo raciocínio e todo orgulho que se levanta contra o conhecimento de Deus, e cativamos todo pensamento e o reduzimos à obediência a Cristo.

Outro grupo lembrado é das viúvas, que também está presente em Timóteo 5:1,16, passagem na qual encontramos recomendações sobre o cuidado a estas e até critérios para identificá-las, mas em cuja análise não entraremos. Tais passagens reforçam nossa concordância com a fala de Ludimila Campos (2011, p 137):

Observa-se algo próximo ao pensamento de Paulo, segundo o qual o bispo deveria zelar pelos considerados mais fracos (os escravos, as viúvas e os órfãos).

Quanto à submissão ao Bispo pela comunidade, acreditamos termos mencionado o suficiente, então passaremos ao trecho abaixo em que identificamos o modo hierárquico pelo qual Inácio percebe a relação entre bispo, presbíteros e diáconos:

Atendei ao bispo, para que Deus vos atenda. Ofereço minha vida para os que se submetem ao bispo, aos presbíteros e aos diáconos. Possa eu, com eles, ter parte em Deus. Trabalhai uns com os outros e, unidos, combatei, lutai, sofri, dormi, despertai, como administradores, assessores e servidores de Deus (Cart. Pol. 6:1, grifo nosso).

Recorremos à interpretação de Caliman Campos (2011, p142) que define as posições dos clérigos, sendo o Bispo encarregado de administrar, os presbíteros de assessorar e os diáconos de servir, havendo dessa forma uma centralização do carisma em torno do Bispo no plano ideal, pois na prática havia uma concorrência com a

figura dos presbíteros além de opiniões dissonantes de membros da própria hierarquia, o que afetava a boa organização da comunidade. A autora conclui que Inácio busca resolver o problema com o chamado episcopado monárquico, que garantiria a tradição ou um “dogma” padrão para sua comunidade principal e sua área de influência.

Porém segundo Sergio Zañartu (2008, p704-705) retrocedendo historicamente e tendo em mente após a morte de todos os apóstolos, o ambiente hostil somado a cismas e heresias, o monoepiscopado se mostrou uma necessidade entre o final do século I e início do II, no qual o primeiro presbítero passou gradativamente a ser chamado de Bispo e sucessor dos apóstolos. Nos escritos de Inácio não é encontrado o termo sucessão apostólica e, sim, consagração do Bispo como o representante da unidade da comunidade com Deus. Dessa forma, o Bispo é idealizado como aquele que mantém a tradição e representa a todos de cada comunidade e por isso não é monárquico.

Acreditamos que Sergio Zañartu tem argumentos mais consistentes a respeito da posição do Bispo devido a uma de suas proposições do mesmo texto, no qual ler as cartas partindo do termo episcopado monárquico seria negar a autenticidade das mesmas. Esta discussão de âmbito teológico contribui para nossa pesquisa a fim de não sermos anacrônicos. Além disso, a nosso ver, Inácio respeita os representantes das igrejas para as quais escreve e o termo monárquico se mostra muito carregado de simbolismo, ou seja, a figura do rei e seu poder centralizador. Segundo Allen Brent (2009, p29), Inácio propõe um governo parecido com os moldes da cidade-Estado grega na qual há uma liderança central juntamente com um conselho que governam a comunidade, sendo, dessa maneira, distinto de um modelo monárquico.

Após defender a unidade hierárquica, o Bispo, no trecho abaixo, faz de maneira simbólica comparações entre atividades financeiras e aspectos do trabalho dos pregadores, principalmente com relação à vestimenta dos soldados e seu código de honra:

Procurai agradar. Aquele sob cujo estandarte combateis, de quem igualmente recebeis o soldo. Que não se encontre desertor entre vós. Vosso batismo há de permanecer como escudo, a fé como capacete, o amor como lança, a paciência como armadura. Vossos fundos de reserva são vossas obras, para receberdes um dia os vencimentos devidos. (Carta a Policarpo, 6:2, grifo nosso).

Passagem similar encontramos em Efésios 6:13-17, que se volta à luta contra o “mal”, ou seja, as outras vertentes do próprio cristianismo e, em menor grau, a própria sociedade romana.

Inácio, sabendo que a comunidade de Antioquia não está sendo mais perseguida se diz mais encorajado a apelar para que Policarpo reúna uma assembleia de presbíteros e escolham um desses para ir até a cidade na Síria, no intuito óbvio de não deixar a comunidade sem uma liderança e, ao mesmo tempo, legitimar sua posição, pois como vemos em Timóteo 3:7 um novo Bispo deve ser escolhido pela comunidade e com o aval de alguém de fora da comunidade. Levando em conta a situação de Antioquia no período de Inácio, que já mostramos no primeiro capítulo, de uma perseguição que não atingiu somente Inácio como também seus subalternos, o testemunho favorável da assembleia do Bispo de Esmirna, somado ao carisma do mártir, imprime um ótimo status ao enviado.

Outro dado interessante está na carta aos Filadélfios na qual ele pede que enviem um diácono a Antioquia, enquanto na carta a Policarpo ele pede para a escolha “estafeta de Deus”, ou seja, um mensageiro de Deus, talvez alguém com maior prestígio que um simples diácono. O Bispo de Esmirna é bem querido por Inácio e provavelmente compartilha de posicionamentos inacianos, por esta razão ele o valoriza como “zeloso da verdade” e pede que ele escreva outras cartas às demais comunidades para que sua boa obra se torne imperecível:

Uma vez que não pude escrever a todas as Igrejas, por ter que partir apressadamente de Trôade para Nápoles, como manda a vontade de Deus, escreverás às Igrejas mais do Oriente, pois que possuis o espírito de Deus, a fim de que elas também façam o mesmo: umas – as que podem – enviando mensageiros, as outras por sua vez cartas através de enviados teus. Assim sereis enaltecidos por uma obra imperecível, como bem o mereces. (Carta. Policarpo 8:1)

O fragmento acima, segundo Caliman Campos (2011, p43) confirma a reprodução e distribuição intensa de textos entre os séculos I e II, como foi feito com as cartas do apóstolo Paulo, além de fortalecer sua argumentação com o apoio de Gamble ao se referir ao processo acima como meio de manter o vínculo religioso entre os líderes religiosos.

Não podemos negar a afirmação de Gamble utilizada por Campos, a respeito da manutenção do vínculo entre as lideranças cristãs, visto que outros autores também concordam com ela, porém a intensa circulação das cartas esbarra em diversos problemas apresentados por Bart Ehrman (2005, p57-61): a dificuldade da execução das cópias e a qualidade das mesmas em relação à fidelidade com o original, tendo exemplos de críticas tanto de autores cristãos e pagãos, como no discurso de Orígenes contra Celso, na obra de Sêneca e do poeta romano Marcial.

Não acreditamos que seja possível a “intensa circulação das cartas”, mas também não encontramos outras fontes que estabelecem um ritmo de propagação, dessa maneira nos perguntamos o quanto era necessária a circulação das ideias de Inácio por meio de cartas. Primeiro, os grupos em sua maioria eram analfabetos, o que poderia incluir diáconos e presbíteros, justificando, assim, um líder alfabetizado em uma ótica ideal; segundo, os escritos, a nosso ver, garantem gradativamente durante o desenrolar do século II a credibilidade para quem discursava nas comunidades cristãs; e terceiro, a transmissão simplesmente oral poderia criar mais interpretações errôneas do que as falhas nos escritos. A transmissão escrita das cartas de Inácio ou mesmo dos escritos cristãos era a melhor forma de garantir a manutenção das ideias originais.

O ideal de bispado para Inácio passa primeiro pelas qualidades pessoais do Bispo, primeiro possuir uma fé incorruptível, ser preferivelmente letrado, ter um espírito sagaz que pesa suas ações frente à comunidade cristã e a sociedade pagã a fim de manter a união interna e as boas relações externas, com o enfoque principal de manter o status divino de Jesus Cristo e também outros preceitos que se tornaram, segundo Camelot, parte do futuro dogma católico;

Como a seus grandes doutores, a Igreja lhe deve certos traços que permanecerão adquiridos para sempre: para a doutrina da Encarnação e da Redenção, da Igreja ou da Eucaristia. Inácio trouxe para a construção do dogma católico pedras sólidas e bem talhadas que permanecerão à base do edifício. (Introdução às cartas de Inácio, 2007, p 7. Grifo nosso)

Embasados pela perspectiva de Paulo Nogueira (2009, p145) sobre a utilização dos símbolos judaicos pelos cristãos e da necessidade das lideranças cristãs em marcar diferença entre os dois cultos, concluímos que o distanciamento visto nos discursos dos pregadores cristãos não teve o mesmo alcance na prática dos fiéis,

devido ao compartilhamento dos símbolos judaicos. Dessa maneira, a expressão que melhor classifica esta relação é “identidades fluidas”.

### 2.3. A defesa do martírio

A partir da carta de Inácio à comunidade cristã de Roma, abordaremos o tema principal da epístola, a defesa de sua morte pelas autoridades imperiais, a fim de que suas palavras ganhem legitimidade, além da vinculação desse apelo com a crise que ocorreu em Antioquia e, conseqüentemente, o colocou na situação de réu. A partir desses dois temas principais abordaremos outros pontos importantes, como a imitação da paixão de Cristo, desse modo fortalecendo nossa hipótese sobre o papel do martírio de Inácio como elemento de propaganda para o cristianismo.

Nas primeiras frases da carta encontramos o que muitos classificam como o reconhecimento de uma suposta primazia da igreja de Roma quando diz:

Inácio, também chamado Teóforo, à Igreja que recebeu misericórdia pela grandeza do Pai altíssimo e de Jesus Cristo Seu Filho único, Igreja amada e iluminada pela vontade d’Aquele que escolheu todos os seres, isto é, segundo a fé e a caridade de Jesus Cristo nosso Deus, ela que também preside na região da terra dos romanos, digna de Deus, digna de honra, digna de ser chamada bem-aventurada, digna de louvor, digna de êxito, digna de pureza, e que preside à caridade na observância da lei de Cristo e que leva o nome do Pai. (Saudação inicial da carta de Inácio aos Romanos, p. 23, grifo nosso).

A nosso ver o primeiro grifo mostra Inácio tentando colocar o receptor da carta na condição de humildade, frente ao que irá dizer quanto à defesa do seu martírio, juntamente com o tom de reponsabilidade que sugere o uso do termo “digna”. A expressão é repedida diversas vezes provocando uma ênfase na manutenção desse status honroso e está vinculada à titulação do segundo grifo, acerca de ser “amada e iluminada”, sendo mais um ponto que reforça o dever da “instituição e seus membros”. A passagem reforça o compromisso do grupo com Deus e com o próprio Inácio que, para alguns autores como Harry Maier, é definido como profeta por excelência. Conseqüentemente, tendo esta ligação especial com Deus, a igreja de Roma deve aceitar seus argumentos. (Campos, 2011, p. 138).

Em seguida o Bispo exorta à união em torno de uma só ortodoxia quando diz:

Aos que aderem a todos os seus mandamentos segundo a carne e o espírito, inabalavelmente cumulados e confirmados pela graça de Deus, purificados de todo colorido estranho, desejo todo o bem e irrepreensível alegria em Cristo Jesus nosso Deus. (Saudação inicial da carta de Inácio aos Romanos, grifo nosso).

Daqui por diante começa a defesa de sua morte na qual o Bispo se manifesta em primeira pessoa do singular (eu) para defender seus interesses e em segunda pessoa do plural (vos) para chamar os leitores a seguir seus ensinamentos, como percebemos no fragmento:

Nem eu terei jamais igual oportunidade de chegar a Deus, nem vós, caso calardes, jamais haveis de ligar vosso nome a obra melhor. Pois, se calardes a meu respeito, serei palavra de Deus; se, porém amardes minha carne, não passarei de novo a ser senão uma voz. (Carta aos Romanos 2:1, grifo nosso).

Parece-nos haver uma divisão sobre a responsabilidade da morte de Inácio, no intuito de “agradar a Deus”, ou seja, para se cumprir a vontade de Deus segundo o Bispo. O terceiro grifo parece insinuar que o martírio do Bispo legitimará sua voz, não mais como um homem comum e sim como um “santo”. Tal ideologia se faz presente em outras partes das cartas, principalmente quanto à crítica aos pejorativamente chamados de judaizantes no grifo do fragmento da carta a Filadélfia:

Se, no entanto, alguém vier com interpretações judaizantes, não lhe deis ouvido. É melhor ouvir doutrina cristã dos lábios de um homem circuncidado do que a judaica de um não-circuncidado. Se, porém, ambos não falarem de Jesus Cristo, tenha-os em conta de colunas sepulcrais e mesmo de sepulcros, sobre os quais estão escritos apenas nomes de homens. (6:1, grifo nosso).

A nosso ver Inácio quer a morte para legitimar suas palavras, ou seja, ele morre para defender o monoepiscopado e a crença correta em Cristo, ao mesmo tempo, desqualifica outros que falam sem o respaldo de Deus, se consagrando através das obras. Tais testemunhos e tal exaltação aos mártires não nascem com o Bispo de Antioquia, como podemos ver no exemplo anterior da primeira carta de Clemente de Roma aos Coríntios:

A esses homens, que viveram santamente, juntou-se imensa multidão de eleitos que, devido à inveja, sofreram ultrajes e torturas, e se tornaram entre nós belíssimo exemplo. (1ª Carta aos Coríntios 6:1, grifo nosso).

A perspectiva de serem os *eleitos* pode ter chegado a Antioquia com grande facilidade, pois segundo Paul Veyne (1985, p14) uma viagem de Roma à Síria levaria

quinze dias nos meses de mar calmo, dessa forma uma comunicação entre estes polos seria algo possível. Conseqüentemente o efeito da política de Domiciano, que criou os mártires de Clemente, provavelmente ecoa em Inácio, visto que o imperador Trajano também é tido como corruptor dos cristãos, o que pode ser visto diversas vezes nas cartas, como no grifo em Efésios e na carta aos Romanos:

Por isso, recebeu o Senhor unção sobre a cabeça para exalar em favor da Igreja o perfume da incorrupção. Não vos deixeis ungir pelo mau odor da doutrina do príncipe deste mundo, de forma que vos leve cativos para longe da vida que vos espera. (Carta aos Efésios 17:1, grifo nosso).

Inácio dá continuidade à defesa de sua morte dizendo que está “preso em Cristo” pela verdade que são suas palavras e no exemplo maior que foi a morte física de seu Deus para mostrar o caminho da salvação, além de repetir assuntos recorrentes nas cartas como guardar as lições dos apóstolos, ser realmente cristão pela via da fé e das obras mostrados no fragmento:

É meu desejo que guardem sua força as lições que inculcais a vossos discípulos. Pedi em meu favor unicamente a força exterior e interior, a fim de não apenas falar, mas também querer, de não apenas dizer-me cristão, mas de me manifestar como tal. (Carta aos Romanos 3:1, grifo nosso).

A intervenção da comunidade cristã para salvar pessoas condenadas à morte poderia ser frequente e por isso Inácio repete diversas vezes o seu desejo de morrer, chegando a “implorar” para se tornar exemplo perfeito de Cristão, segundo sua afirmação no fragmento abaixo:

Escrevo a todas as Igrejas e insisto junto a todas que morro de boa vontade por Deus, se vós não me impedirdes. Suplico-vos, não vos transformeis em benevolência inoportuna para mim. Deixai-me ser comida para as feras, pelas quais me é possível encontrar Deus. Sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras, para encontrar-me como pão puro de Cristo. (Carta aos Romanos 4:1, grifo nosso).

Inácio reforça seu elo com Deus e dá razão para seu sofrimento e morte se comparando à própria eucaristia e a qualificando na carta aos Efésios como “remédio da imortalidade”. Dessa forma, segundo Sergio Zañartu (2008, p699) a morte do Bispo é fonte de vida.

A comparação de Inácio com seu Mestre é repetida diversos trechos da carta aos Romanos e que não vamos mencionar, pois o que eles representam no todo é a defesa do status e da veracidade de Jesus Cristo a partir da própria “paixão de Inácio”.

Segundo Roselaine Soares Cunha (2009, p46) tal imitação traz com consigo a ideia de presunção e cobiça que só pode ser corrigida pelo equilíbrio das virtudes pedagógicas de Jesus e sua altivez amorosa. Dessa forma percebemos que o Bispo busca harmonizar em sua retórica as características doutrinárias e apelativas através da humildade, como no fragmento abaixo:

Não é como Pedro e Paulo, que vos ordeno. Eles eram apóstolos, eu um condenado; aqueles, livres, e eu até agora escravo. Mas, quando tiver padecido, tornar-me-ei alforriado de Jesus Cristo, e ressuscitarei n'Ele, livre. E agora, preso, aprendo a nada desejar. (Carta aos Romanos 4:3, grifo nosso).

Outra discussão recorrente na historiografia sobre Inácio é o ambiente psicológico de escrita das cartas, ou seja, a tensão emocional que envolveu a produção dos escritos fazendo com que Inácio privilegiasse certos assuntos em detrimento de outros, como o foco principal à unidade, a representação de Trajano como sendo o mal, ficando uma completa ausência de críticas ao governo de Antioquia.

Dando continuidade na carta aos Romanos ele constrói argumentos para defender sua coragem frente ao que o espera, o que é percebido no recorte abaixo grifado:

Começo agora a ser discípulo. Coisa alguma visível e invisível me impeça que encontre a Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, quebraduras de ossos, esquarteramentos, trituração do corpo todo, os piores flagelos do diabo venham sobre mim, contanto que encontre a Jesus Cristo. (Carta aos Romanos 5:3, grifo nosso).

Em síntese, Inácio transmite à comunidade cristã de Roma a ideia de que não vai se acovardar, como tantos outros que, ao verem as feras, sucumbiram ao medo e cometeram apostasia, pois sua fé e seu desejo de ser o “imitador do sofrimento de meu Deus” são sólidas.

Como já mostramos anteriormente ele estabelece sua posição frente ao imperador Trajano e chama a comunidade de Roma a seguir seus preceitos:

O príncipe deste século quer arrebatá-me e perverter o pensamento voltado para Deus. Ninguém dos presentes queira auxiliá-lo. Passai antes para o meu lado, isto é, para o de Deus. Não tenhais a Jesus Cristo na boca, para irdes desejar o mundo. (Carta aos Romanos 7:1, grifo nosso).

Em seguida Inácio reitera seu desejo de se tornar mártir no fragmento:

Meu amor está crucificado e não há em mim fogo para amar a matéria; pelo contrário, água viva murmurando dentro de mim, falando-me ao interior: Vamos ao Pai! Não me agradam comida passageira, nem prazeres desta vida. Quero pão de Deus que é carne de Jesus Cristo, da descendência de Davi, e como bebida quero o sangue d'Ele, que é Amor incorruptível. (Carta aos Romanos 7:2, grifo nosso).

Neste trecho grifamos duas partes para mostrar a influência do pensamento joanino e paulino. Primeiro com o termo “água viva” que são identificados por três vezes no evangelho de João e está ligada à fé que garante a vida eterna, como pode ser visto no excerto:

Mas quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna. (Jo 4:14).

Na segunda parte se trata do amor pleno que só pode ser alcançado em Deus e o trecho da primeira carta aos coríntios, versículo 13 que esclarece a fonte do pensamento de Inácio:

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1ª Coríntios 13:4-7, grifo nosso).

Segundo Sergio Zañartu (2009, p72) cada vez mais os autores se inclinam a favor de que a condenação de Inácio se deve a um conflito interno da comunidade cristã de Antioquia e não a uma perseguição externa. Tal conflito se deve ao próprio Bispo e seu desejo de centralização hierárquica somada à tentativa de correção das igrejas da Ásia Menor.

A possibilidade de que o conflito é interno motivado pelo empenho de Inácio em fortalecer seu poder de Bispo levando a uma repercussão externa, ou seja, que o governo de Antioquia interferiu no conflito cristão para restabelecer a ordem, condenando e transferindo Inácio para Roma. Dessa forma o Bispo talvez já saísse na cidade na situação de condenado à morte.

Diversos autores contemporâneos afirmam que não há documentação antiga que indique os motivos pelos quais Inácio foi preso, a justificção do conflito interno surge da análise das próprias cartas, estando presente em seis das sete cartas, ficando

de fora a carta a Policarpo. Tais fragmentos, segundo Zañartu (2009, p 72) revelam o fracasso do Bispo em Antioquia em manter a comunidade unida, como exemplos:

Lembrai-vos em vossa oração da Igreja na Síria, a qual, em meu lugar, tem Deus como pastor. Só Jesus Cristo será seu bispo e a vossa caridade. 2Eu por minha parte me envergonho de ser chamado um deles; pois não o mereço em nada, sendo o último dentre eles e um abortivo. Mas, por misericórdia, sou alguém, se chego até Deus. (Romanos 9:1, grifo nosso).

Lembrai-vos de mim em vossas orações, para que eu possa alcançar a Deus. E [lembrai-vos também] da Igreja que está na Síria, já que não sou digno de portá-la em meu nome. (Magnésios 14:1, grifo nosso).

É corrente entre os autores que o problema seria resolvido com a substituição de Inácio, o que também evitaria o conflito externo, então porque o conflito se torna externo? Tendo como base nossa própria pesquisa, teorizamos que o carisma é um fator importante para compreendermos o caso, porém um carisma em certa medida laico, ou seja, o compreendo como a capacidade do Bispo em atrair os fiéis a sua causa. Para isso devemos compreender o contexto das comunidades cristãs, que nesse período havia outros pregadores ou mesmo presbíteros e diáconos com posições diferentes entre eles, cada um atraindo para si com seu carisma uma parcela de fiéis e com isso causando distúrbios, pelo fato de nenhum deles ter a força necessária para estabelecer uma hegemonia. Há outras explicações no âmbito teológico, como do autor Allen Brent (2009, p29), que nos mostra o conflito interno por meio do evangelho de Mateus, primeiro se apoiando no fragmento:

Por isso, eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as forças do Inferno não poderão vencê-la. (Mateus 16:18).

Na passagem acima Pedro é idealizado como líder, correspondendo à vertente inaciana, que colocaria um fim ao caos carismático. No entanto no mesmo Evangelho de Mateus há uma contraposição a ela no fragmento:

De serem cumprimentados nas praças públicas e de serem chamados de 'rabi'. Quanto a vos não façais chamar de 'rabi', pois um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos. Não chameis a ninguém na terra de 'pai' pois um só é vosso Pai, aquele que está no céu. Não deixeis que vos chamem de 'guia', pois um só é o vosso Guia, o Cristo. (Mateus 7:10, grifo nosso).

O autor teoriza que a interpretação do evangelho de Mateus provoca reações pró e contra o desejo de hierarquia de Inácio

Esta querela leva à prisão de Inácio, cujos motivos não estão claros e assim havendo muita especulação entre os historiadores. Uns afirmam que foi uma denúncia anônima, outros que foi uma perseguição local, além do próprio acusado atribuir grande parcela de culpa ao imperador Trajano e nenhuma às autoridades de Antioquia ou da província da Síria.

O imperador em uma troca de cartas ocorrida por volta de 112 com o governador Plínio o jovem da Bitínia, estabeleceu o tratamento a ser dado aos cristãos na epistola X, 97:

Caro [Plínio] Segundo, tens seguido adequado proceder no exame das causas daqueles que te foram denunciados como cristãos. Não se pode instituir uma regra geral que tenha o valor de norma fixa Não devem ser perseguidos de ofício. Se forem denunciados e confessarem, é preciso condená-los, mas com a seguinte restrição: quem nega ser cristão e disso der prova manifesta, a saber, sacrificando a nossos deuses, ainda quando seja suspeito em seu passado, seja perdoado por seu arrependimento. Quanto às denúncias anônimas, não devem ter valor em nenhuma acusação, pois constituem um exemplo detestável e não são dignas de nosso tempo. (Angelozzi, 2003, p 209-210, grifo nosso).

Devido à ambiguidade do escrito do imperador Trajano o Bispo pode ter sido condenado à morte pela contumácia, ou seja, por afirmar sua fé, assim justificaria as palavras de Plínio, quando classifica o culto cristão como uma superstição insensata e exagerada.

Uiara de Barros Otero (2000, p107) diz que existe uma ambiguidade até meados do século II quanto à acusação dos cristãos devido às recomendações de Trajano a Plínio o jovem. Visão que, segundo Tertuliano no final do século II, ainda gera uma situação ambígua que favorece a perseguição dos cristãos, ao dizer: “O cristão é punível, não porque seja culpado, mas porque foi descoberto, embora não se devesse procurá-lo”. (Rops, 1988, p. 171).

Porém, ao acusar o grupo dos cristãos primeiro deve-se identificá-los aos olhos romanos e, dessa maneira, adotamos a perspectiva de Angelozzi que busca através da leitura de Suetônio, Tácito e outros os termos que classificam negativamente os cristãos, sendo Plínio o jovem um marco de identificação do grupo e também da possibilidade deles serem criminalizados através dessa classificação. O autor identifica alguns termos nas cartas que são utilizados pelos cristãos para se definirem, como o termo *ecclesia* no sentido de grupo ou igreja e *christiano* para

identificar os seguidores de Cristo. Este último termo é utilizado por Plínio o jovem, além do termo *hetaeria* que corresponde à definição de associação política e que nesse período estava proibido pelo imperador, o que poderia representar um problema para o grupo. (Angelozzi, 2003, p. 80-83).

Poderíamos aqui estabelecer uma ligação entre o posicionamento de Angelozzi e acrescentar explicações sobre os motivos para a prisão de Inácio, mas não é esse o objetivo de nossa pesquisa. Diferentemente, concentramo-nos no valor do exemplo do Bispo aos seus, quando ele mesmo diz:

Saúda-vos o meu espírito e a caridade das Igrejas que me receberam em nome de Jesus Cristo e não como simples transeunte. Até mesmo aquelas Igrejas que não se encontravam em meu roteiro, segundo a carne, vieram de todas as cidades ao meu encontro. (Carta aos Romanos, 9:3, grifo nosso).

A partir do fragmento e o considerando fidedigno, podemos perceber que Inácio é bem recebido nas comunidades no seu caminho e tem a capacidade de atrair outros de cidades vizinhas. A nosso ver todo este carisma não vem do próprio Inácio e sim da concepção de mártir que se constrói no século I, nos limitando ao exemplo já citado da carta de Clemente e apresentando uma nova fonte a partir de Policarpo a fim de estabelecermos um elo entre os dois recortes:

Eu os exorto, portanto, a obedecerem atenciosamente à palavra da justiça, e a exercitarem a paciência, assim como vocês têm visto diante de seus olhos, não somente no caso dos abençoados Inácio, Zózimo e Rufo, mas também no caso dos outros que estão entre vocês, no próprio Paulo, e no restante dos apóstolos. [Façam isso] na certeza de que todos estes não caminharam em vão, mas na fé a na justiça, e na certeza de que eles estão [agora] no lugar que lhes corresponde na presença do Senhor, com quem eles também sofreram. Eles não amaram o século presente, mas Aquele que morreu por nós e que, por nossa causa, foi ressuscitado por Deus da morte. (Carta de Policarpo aos Filipenses 9:1, grifo nosso).

O candidato a mártir Inácio reafirma o exemplo de Cristo e mantém os principais elementos da tradição apostólica a partir do seu sacrifício. Segundo Beade:

A morte desses homens tornou-se um batismo de sangue, que os faziam entrar na pátria do céu que desejavam tão fortemente; (...) do céu eles intercediam por esses que viviam então no mundo. (APUD OTERO, 2000, pp. 119-120, grifo nosso).

Este batismo de sangue é necessário na visão inaciana para comparação final com seu mestre, que foi preso, abandonado e negado por seus discípulos, desse modo só com sua ressurreição surgiu a força adormecida dos seus discípulos. Dessa forma a esperança na promessa de Cristo justifica sua morte e gera em âmbito ideal a força para os cristãos seguirem a tradição defendida por Inácio e também elementos que o classificam como bom cristão aos olhos deles mesmos.

O testemunho dos Mártires, segundo Otero (2000, p 123) foi um importante meio de propagandear e atrair adeptos no período de difusão do cristianismo no império romano, entre o século II até meados do século III, pelo misto de coragem, tranquilidade e segurança com que os mártires se entregavam ao suplício, apesar de alguns exageros que envolvem parte dos relatos.

Inácio ao defender seu testemunho, não só na carta aos Romanos como também nas demais cartas, irá propagandear seus ideais, ou seja, irá convencer através do valor que a condição de “futuro mártir” lhe traz, uma parcela desses primeiros fiéis que encontra em seu caminho, visto que já comentamos no capítulo um, que duvidam da palavra do Bispo. Seus escritos e palavras dessa maneira influenciam nos hábitos dos cristãos o dogma que aos poucos está sendo construído, além da estrutura administrativa e hierárquica da igreja. Segundo Liébart (2000, p 36) esta edificação não exclui o Antigo Testamento e sim o aproxima como parte do “plano de Deus” sob um viés paulino da compreensão do cristianismo, desligando-se do contexto judaico original e o orientando para o anúncio da vinda de Jesus Cristo. Por fim, Inácio busca uma padronização da fé a partir do que ele acredita ser correto e também a conservação dos preceitos mostrados, através da administração efetuada pela hierarquia encabeçada pelo Bispo.

## Conclusão

Em nosso trabalho buscamos uma profunda análise das cartas de Inácio de Antioquia e isso exigiu uma organização específica do trabalho. Procedemos pela análise do âmbito macro onde o fenômeno micro se manifesta, ou seja, pelo contexto sócio-Histórico no qual o evento da prisão e viagem do bispo Inácio se desenvolve. Os dois capítulos seguem este padrão, primeiro pela organização interna de cada um deles e segundo pela dependência do primeiro em relação ao segundo capítulo. A partir dessa configuração apontamos os pontos básicos dos sete textos de nossa monografia e a conexão entre eles, para responder a pergunta que fizemos em nossa pesquisa.

Na introdução da nossa monografia criamos um panorama geral do cristianismo no século II, acerca dos principais preceitos de Inácio e da visão dos pagãos sobre os cristãos, usando fontes do período como Plínio o Jovem e o grafite no monte palatino a fim conferir ao leitor uma base para orientar a leitura da monografia. No segundo texto do primeiro capítulo intitulado “paganismo” definimos que os cultos romanos estavam em uma contínua mudança e o espaço que teria surgido para o crescimento do cristianismo e também de outros cultos no século I, juntamente com a dificuldade do movimento cristão de se adaptar às exigências do culto romano. Sabendo da situação incômoda do cristianismo, abordamos os principais preceitos inacianos, como a defesa do status de Jesus Cristo, a ênfase na tríade hierárquica encabeçada pelo Bispo e a disputa com outras vertentes do cristianismo, além das diferenças dos hábitos cristãos e romanos, que a nosso ver ficam em segundo plano para Inácio, sendo a ênfase principal a própria comunidade cristã. Se o problema para o Bispo é interno, decidimos expandir nossa visão com o terceiro texto sobre as singularidades das cartas, mostrando a influência de terceiros que indicam os principais problemas de cada comunidade cristã para Inácio, com isso fortalecendo sua argumentação e seu status de Mártir.

No segundo capítulo, aprofundamos a análise construindo parte dos eventos histórico-teológicos do grupo dos cristãos e judeus na cidade de Antioquia, no intuito de compreender os ideais de Inácio em uma ótica pós ano setenta, ou seja, mostrando a influência social do período na formação de sua concepção de Bispo e mártir. Em seguida preferimos nos ater primeiro ao ideal de bispado sob uma perspectiva

histórica, ou seja, a ligação entre o que está escrito na carta a Policarpo e fontes anteriores a fim de construir a imagem do representante central da comunidade cristã. No último texto, mostramos o desejo manifestado por Inácio à comunidade cristã de Roma de se tornar um mártir, juntamente com a fundamentação de parte dos fragmentos expostos em comparação com eventos e escritos anteriores a 110 d.C., nos quais a questão do carisma aparece como decisiva para entender o martírio do Bispo.

Quanto às implicações como o politeísmo romano, acreditamos que estão em segundo plano e o foco principal são os problemas internos da comunidade cristã. Quanto aos preceitos inacianos, acreditamos tenham grande validade, por um lado devido à participação de terceiros que teoricamente conhecem o Bispo anteriormente e passam informá-lo sobre os problemas da comunidade cristã e a própria retórica de Inácio, além de uma possível tradição do ideal de mártir presente nas comunidades cristãs, que reforça a ideia do convencimento, que o Bispo provoca por onde passa e, dessa forma, se configura como uma propaganda para o cristianismo. Concluimos que Inácio fornece com seus escritos e seu exemplo a base concisa para o estabelecimento da fé dita correta e a organização administrativa encabeçada pelo Bispo, modelo que será debatido e colocado em prática posteriormente, cuja trajetória envolve outros expoentes do cristianismo que nos deixaram uma vasta documentação sobre este processo.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

CENTRAL DE OBRAS DO CRISTIANISMO. **Cartas de Santo Inácio de Antioquia**. Disponível em: < <http://cocp.50webs.com/>>. Acessado em: 30 de fevereiro 2012.

CENTRAL DE OBRAS DO CRISTIANISMO. **1ª Epístola aos Coríntios**. Disponível em: < <http://cocp.50webs.com/>>. Acessado em: 30 de fevereiro 2012.

CENTRAL DE OBRAS DO CRISTIANISMO. **Carta de Policarpo aos Filipenses**. Disponível em: < <http://cocp.50webs.com/>>. Acessado em: 30 de fevereiro 2012.

Padres Apostólicos. Integrante da Coleção: **Padres da Igreja**, 1/10. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS. **A Didaqué**. Disponível em: < <http://www.sca.org.br/artigos/Didaque.pdf>>. Acessado em: 30 de fevereiro 2012.

### Bibliografia

ANGELOZZI. A.G. **A águia e a cruz**: Identificação cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C. Dissertação de Mestrado, UENF-RJ, 2003.

ARENS, E. Os Judeus da Disporá, in: **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas, João**: Aspectos econômicos para a compreensão do Novo Testamento. Tradução: Costa. R. J. SP. Ed: Paulus, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. **Atos dos Apóstolos**. Tradução: CNBB. Brasília-DF: Ed. Canção Nova, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. **Carta a Timóteo**. Tradução: CNBB. Brasília-DF: Ed Canção Nova, 2009.

BRENT, Allen. Ignatius of Antioch, a martyr and the origin of episcopacy. In: **Ignatius personal history and the church at Antioch**. New York: T&T Clark Theology. 2ª edição, 2009.

- CUNHA, Roselaine S. **A Cruz e os Leões**. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2009.
- CAMPOS, Ludmila. **Um Bispo, um Deus, uma ekklesia**: A formação do episcopado monárquico no Alto Império Romano. Dissertação de Mestrado: UFES- ES, 2011.
- CHEVITARESE, A.L. Cristianismo e Império Romano. In: Silva, G.V. e Mendes, N.M. **Repensando o Império Romano**. RJ/ Vitória; Ed: Mauad/ EDUFES, 2006.
- EHRMAN, Bart D. Os copistas dos escritos cristãos primitivos, in: **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Trad. Marcos Marcionilo. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du Discours**. <http://pt.scribd.com/doc/2520353/>. Trad; Edmundo Cordeiro e António Bento. Acessado em: 21 de novembro de 2012.
- IZIDORO, J. L. Didaché: Doutrina dos Doze Apóstolos. **Revista Eletrônica Oracula**. SP/São Bernardo do Campo, 2007, pp. 90- 110.
- JONES, Siân. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica, in: FUNARI, P.P.; ORSER, JR., C; SCHIAVETTO, S.N.O. **Identidades, discurso e poder: Estudos da arqueologia contemporânea**. SP: Ed. Annablume/FAPESP, 2005.
- LIÉBART, Jacques. Os padres da igreja, in: **Cristianismo e Judaísmo**. SP: Ed; Loyola 2000.
- MEEKS, Wayne A. **Os Primeiros Cristãos Urbanos**: O mundo social do apóstolo Paulo. SP: Paulinas, 1992.
- MEUNIER, Bernard. O nascimento dos dogmas cristãos, in: **Cristo depois de Jesus**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- MÍGUEZ, Nestor O. Leitura Judaica e Releitura Cristã da Bíblia: A Sinagoga no Novo Testamento. **RIBLA - Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, nº 40. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001. p. 122-139.
- NOGUEIRA, P.A.S. O poder da diferença: o judaísmo como problema para as origens do cristianismo, in: FUNARI, P.P. & OLIVEIRA, M.A. (orgs) **Política e identidades no mundo antigo**. SP: Annablume/FAPESP, 2009.

NOGUEIRA, Paulo A.S. Cristianismo na Ásia menor. Um estudo comparativo das comunidades de Éfeso no final do primeiro século. **RIBLA (29): Cristianismos originários Extrapalestinos (35-138 dC)**. Petrópolis: Vozes, 1998.

OTERO, Uiara de Barros. Os Mártires. **Revista GAIA do Laboratório de História Antiga da UFRJ**. 2000.

PINTO, P.G.H.R. Transformações no politeísmo Romano. **Revista PHOÊNIX**. RJ: Ed. UFRJ, 1997, pp. 343-369.

PAUL. Veyne. Do Império Romano ao ano mil. in: ARIÈS, P e DUBY, G: **A História da vida privada 1**. Trad :Hildegard Feist. Vol: 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO AMERICANA 22: Cristianismo Originários (30-70). Petrópolis: Vozes, 1995.

RICHARD, Paul. A Origem do Cristianismo em Antioquia. **RIBLA (29): Cristianismos Originários Extrapalestinos (35-138 dC)**. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 32-44.

ROPS, DANIEL. A gesta do sangue: Mártires dos primeiros tempos, in: **A Igreja dos apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988.

ROSA, C.B. A Religião da Urbs, in: SILVA, G.V. e MENDES, N.M. **Repensando o Império Romano**. RJ/Vitória: Ed. Mauad/EDUFES, 2006.

SELVATICI, M. Identidades cristãs primitivas, in: CHEVITARESE, A.; CORNELLI, G.; SELVATICI, M. (Orgs.) **Jesus de Nazaré: Uma outra História**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.

SELVATICI, Monica. Resenha de LIEU, Judith. M. *Neither Jew nor Greek?* Constructing Early Christianity. **Revista de Estudos do Jesus Histórico**, vol. 2, 2009.

SILVA.VENTURA. G. Reflexões sobre a prática da caridade entre os cristãos de judeus. **Revista de Estudos do Jesus Histórico**. Vol: IV, 2009, p 51-67.

STADLER, T.D. Amizade e Virtudes na Construção de uma Imagem Ideal, Encontradas no Epistolário Cruzado entre Plínio, o Jovem e o Imperador Trajano (98 – 117 d.C.) **Revista Vêrnaculo**. Vol: 21 e 22. Curitiba, 2008, pp. 243-251.

STEGEMANN, E. W. & STEGEMANN, W. Conflitos externos dos crentes em Cristo com o paganismo e o judaísmo da diáspora, in: **História social do protocristianismo**. Trad. N. Schneider. São Leopoldo/São Paulo: Ed Sinodal/Ed. Paulus, 2004.

ZANÑARTU, S. Ignácio de Antioquia Treinta años después. **Revista anales da teologia**: Vol: 11. 2009, p 65-79.

ZANÑARTU, Sergio. Ignacio de Antioquia. Reconsideración. **Revista Teologia e Vida**. Vol. XLIX, PUC/Santiago, Chile (2008), pp. 699-739.

## Imagens

GAUDIUM, PRESS ESPERITUALIDADE. Ilustração da viagem de Inácio de Antioquia a Roma. Disponível em: <http://www.gaudiumpress.org/content/41192-Santo-Inacio-de-Antioquia>. Acessado em: 21 de novembro de 2012.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Mapa do Império Romano sob Trajano em 117. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Romano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Romano)> Acessado em: 15 de novembro de 2012.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Foto de Satélite da Ásia Menor. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Anatolia> Acessado em: 15 de novembro de 2012.